

O Mercado de Trabalho Agro e a Exclusão de Pessoas Transgênero: Um Estudo na Região Metropolitana de São José do Rio Preto

Lázaro Jodivan Ferreira de Oliveira
Antônio Afonso Cortezi
Faculdade de Tecnologia, FATEC de S. J. do Rio Preto/SP

Resumo: *O agronegócio brasileiro tem grande influência no mercado de trabalho nacional, tendo altas taxas de empregabilidade comparado a outros setores do país. Desta forma, esse trabalho busca analisar a influência do agro no mercado de trabalho e a relação do mercado de trabalho com pessoas trans, como foco na região metropolitana de São José do Rio Preto. A análise do tema busca evidenciar se estas pessoas são visíveis – ou não - para o agro, analisando a concordância ou discordância sobre a influência do agronegócio para a empregabilidade desta população.*

Palavras -chave: *Desemprego; Pessoas Transgênero; Agronegócio; Mercado de Trabalho*

Abstract: *Brazilian agribusiness has a strong influence on the national labor market, showing high employment rates compared to other sectors in the country. This study aims to analyze the impact of agribusiness on the labor market and its relationship with individuals from the transgender minority group. It also includes a population study in the metropolitan region of São José do Rio Preto to assess public perceptions on the topic, with a focus on whether there is agreement or disagreement regarding the potential of agribusiness to promote the employability of this minority group.*

Keywords: *Unemployment; Transgender People; Agribusiness; Job Market*

1. INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho brasileiro tem passado por transformações constantes, impulsionado por fatores como avanços tecnológicos, mudanças políticas, crises econômicas e alterações no perfil da mão de obra. Apesar da geração de novas oportunidades em diversos setores, ainda há grandes desafios relacionados à distribuição equitativa dessas vagas, especialmente quando se analisa a inclusão de grupos historicamente marginalizados. A desigualdade regional, a informalidade e o acesso limitado à qualificação profissional continuam sendo obstáculos que comprometem a plena inserção de muitos trabalhadores.

Dentre os grupos mais vulneráveis no contexto do desemprego, destacam-se as pessoas LGBTQIAP+. Petkovic (2024), menciona que o movimento iniciado por mulheres e homens homossexuais na década de 60 faz surgir novas designações para as chamadas “sexualidades desviantes”:

A palavra “homossexual” passa a ser utilizada para classificar a orientação sexual destas pessoas, assim como “gay”, (termo usado para o homossexual masculino, do

inglês “alegre”) e “lésbica” (para a mulher homossexual, do latim "lesbius", fazendo alusão à ilha de Lesbos, na Grécia, onde viveu a poetisa Safo - séculos VI e VII a.C. - conhecida por seus poemas sobre amor e dirigidos às mulheres). (p.17)

A mesma autora ainda menciona que com o tempo, houve outras nomeações “categóricas”:

Com o tempo, outras categorias foram sendo nomeadas para diferentes orientações sexuais, como “bissexual” (relação afetivo-sexual por dois ou mais gêneros); “travesti”, (construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico masculino); “transexual” (possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento); e “intersexual” (antigamente referido como hermafrodita, se refere a pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que se enquadram no binarismo de gênero). Mais recentemente, surge o termo “queer”, abarcando aqueles que vivem uma fluidez de gênero e desejos sexuais ou que são desarmônicos às identificações fixadas no universo heterossexual ou homossexual. (Petkovic, 2024, p. 18)

A marginalização, o preconceito e a falta de políticas públicas efetivas contribuem para que uma parcela significativa dessas pessoas esteja fora do mercado formal ou submetida a ocupações informais e precárias. Petkovic (2018) corrobora a informação ao acrescentar que a população LGBTQIAP+ é vítima e protagonista de estigmas e violências provenientes da cultura patriarcal e heteronormativa, cada dia mais evidentes em nosso país.

Ainda, o Brasil é um dos países com maior violência contra os LGBTQIAP+: em 2020, de forma violenta, 237 pessoas desse grupo social foram mortas, sendo 13 suicídios e 224 homicídios. Somam-se a isso questões como exclusão do convívio social, das instituições de ensino, do mercado de trabalho e dos serviços de saúde, tendo seus direitos enquanto cidadãos(a)s negados por completo (Benevides, 2023).

Quando se trata da população transgênero, em específico, esse cenário é maximizado. Em 2024, o Brasil registrou 122 assassinatos de pessoas trans, um alívio estatístico de 16 % em relação aos 145 casos de 2023, mas ainda assim mantendo-se tristemente líder no ranking mundial por 17º ano consecutivo.

Dentro desse cenário, o agronegócio surge como um dos setores mais relevantes da economia brasileira, com potencial para gerar empregos e movimentar a economia. A expansão do setor influencia diretamente o mercado de trabalho, especialmente em regiões interioranas e rurais. No entanto, é importante analisar se esse crescimento se traduz em inclusão real e oportunidades para grupos minoritários, como a população trans que ainda tem a prostituição ainda é a única fonte de renda para mais de 90% das pessoas trans no Brasil, justamente por conta da falta de oportunidades no mercado formal (MACHADO, 2021).

Desta forma, o presente trabalho busca analisar a influência do agronegócio brasileiro no mercado de trabalho e como pode influenciar para a aceitação do grupo minoritário em tal, tendo em vista a Região Metropolitana de São Jose do Rio Preto.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica na literatura existente sobre o desemprego entre pessoas trans no brasil e o mercado de trabalho no agronegócio brasileiro. Está pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva, sendo utilizado fontes como livros; artigos científicos; veículos de imprensa e revistas para coletar informações relevantes sobre o tema.

A análise dos dados incluiu avaliação da quantidade de desemprego ano dos grupos LGBTQIAP+ no mercado de trabalho do agronegócio e seus possíveis impactos sociais.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO

3.1. Conceito E Diferença Dos Termos Dentro Do Grupo Trans

Para esse tópico pesquisamos sobre a população transgênero, em específico se há diferença entre os termos “trans” e “travesti”. Petkovic (2018, p. 25) menciona que:

Há de se explicar os transexuais e travestis, termos que costumam causar confusão entre as pessoas que desconhecem sua categorização. Enquanto as travestis gostam de comportar-se como o sexo oposto, mas mantêm o sexo biológico, usando uma identidade masculina ou feminina que “transita” entre os dois gêneros, os transexuais possuem identidades de gênero diferentes das designadas no nascimento e além do desconforto em relação ao sexo anatômico, manifestam o desejo de viverem e serem aceitos como sendo do sexo oposto.

Já Benedetti, ao realizar um estudo etnográfico para verificar as tipologias correntes usadas para nomear as identidades “desviantes” (2005, p. 17) menciona que:

[...] travestis são aquelas que promovem modificações nas formas de seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina.

De acordo com Jesus (2012), as travestis vivenciam o papel de gênero feminino, mas não se reconhecem como mulheres nem homens. Petkovic (2018, p. 30) defende que mulheres trans, travestis e pessoas que se identificam com a feminilidade devem ser compreendidas como vivências femininas, cujas práticas e visões de mundo manifestam-se também no campo da linguagem.

Atualmente, vemos que a palavra “travesti” traz um enviesamento político, trazendo a figura da mulher de “peito e pau”, deixando claro que a diferenciação vem do aspecto político de suas posições perante a sociedade, ou seja, o conceito de gênero não fica restrito ao genital e sim à visão que a pessoa tem de si para a sociedade.

É importante ressaltar que a identidade de gênero é diferente da orientação sexual, como mencionado por Petkovic (2018, p.26), as definições de gay, lésbica ou bissexual referem-se à orientação sexual do indivíduo, enquanto transgênero e as demais categorias, à identidade de gênero.

3.2. Pessoas Trans No Mercado De Trabalho

A população trans e travesti também enfrenta grandes obstáculos para conseguir uma vaga de trabalho caracterizadas como formais. Mesmo com avanços na luta por direitos, muitas dessas pessoas ainda são excluídas de processos seletivos ou não conseguem se manter nos empregos por conta da transfobia¹, e da falta de preparo das empresas para lidar com a diversidade de gênero.

Segundo Souza (2021), um estudo conduzido pelo projeto Trans Vida, do Grupo Pela Vidda, com apoio do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, sob a orientação do antropólogo e ativista Fabrício Longo, mostra que metade dos entrevistados no mercado de trabalho enfrentam depressão e que 60% cogitam o suicídio, o estudo resalta que a transfobia não limita apenas as oportunidades de acesso e sobrevivência de pessoas trans, mas também que a impedem o desenvolvimento de suas habilidades profissionais.

Na região de São Jose do Rio Preto, existem muitas barreiras para inserção de travestis e transexuais no mercado de trabalho, muitos deles não possuem competências técnicas profissionais desejadas pelo mercado de trabalho, muitas vezes devido ao próprio preconceito durante a formação escolar e acabam desistindo dos estudos. Outros que possuem formação técnica acabam não tendo oportunidade, pois ainda existe muito preconceito por parte dos empregadores (FIBRA RH, 2020).

4. AGRONEGOCIO E O MERCADO DE TRABALHO

De acordo com o portal do agronegócio (2025), o impacto do agronegócio no emprego segue um padrão semelhante ao observado no PIB². O setor emprega diretamente cerca de 10%

¹ Transfobia é o preconceito, discriminação ou violência direcionada a pessoas transgêneros ou não conformes com o gênero designado ao nascer.

² PIB- produto interno bruto

da população ocupada no Brasil, considerando a produção primária e o beneficiamento. Quando se inclui a participação indireta em atividades relacionadas, como comércio, transporte e fornecimento de insumos, esse percentual sobe para 17%. Isso representa mais de 17 milhões de empregos no país.

E em dados mais detalhados a Cepea³ (2025) diz que o “agronegócio brasileiro empregou 28,2 milhões de pessoas em 2024, aumento de 1% (ou de aproximadamente 278 mil pessoas) frente ao ano anterior, conforme indicam pesquisas realizadas pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), em parceria com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil). A participação do setor no total de ocupações do Brasil atingiu 26,02% no ano”.

Segundo pesquisadores do Cepea/CNA, o impulso veio do aumento no contingente de pessoas atuando em insumos (alta de 3,6% entre 2023 e 2024, ou de aproximadamente 10,97 mil pessoas), nas agroindústrias (5,2% ou 231,76 mil pessoas) e, principalmente, nos agrosserviços (3,4% ou 337,65 mil pessoas).

Em 2024, São José do Rio Preto gerou 13,3 mil empregos somente no primeiro trimestre, somente a região de Rio Preto foi responsável por 6,2% da geração de empregos em todo o estado. O setor agropecuário abriu 2.191 novos empregos na região, ficando em terceiro lugar no *ranking*, logo atrás de empresas de prestação de serviços e a indústria (DIÁRIO DA REGIÃO, 2024).

Mediante aos dados coletados o agronegócio é um importante aliado do mercado de trabalho, gerando uma margem de empregos relativamente alta para a região, número apenas no primeiro semestre sem levar em relação ao resto do ano que foi 2024.

5. PESQUISA POPULACIONAL

No último trimestre foi elaborado pelo autor um formulário online através da ferramenta *google forms*, onde 88 pessoas da região metropolitana de São José do Rio Preto, responderam algumas perguntas pertinente ao tema abordado.

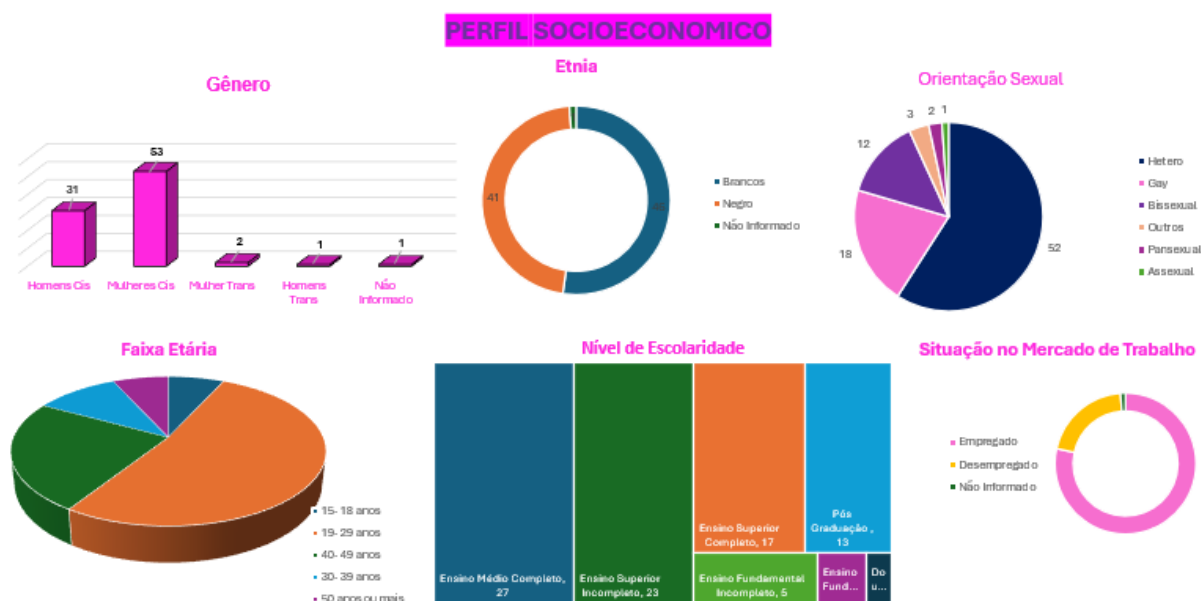
5.1. Descrição da análise dos dados

A pesquisa mostrou um perfil demográfico socioeconômico composto por 53 mulheres cis ; 31 homens cis ; 2 mulheres trans e 1 homens trans. Em relação á escolaridade, 27 ensino médio completo; 17 ensino superior completo; 23 ensino superior incompleto; 13 pós-

³ CEPEA- centro de estudos avançados em economia aplicada

graduados; 1 doutorado; em relação a etnia, 41 se identificam como negros e 46 se identificam como brancos. Com a faixa etária de 15 á 18 anos (6); 19 á 29 anos 46; 30 á 39 anos (9); 40 á 49 anos (21) e 50 anos + (6). Em relação a orientação sexual 52 são heteros; 18 são gays; 12 bissexuais; 2 são pansexuais; 1 assexuado; 3 outros.

Figura 1: Perfil socioeconômico

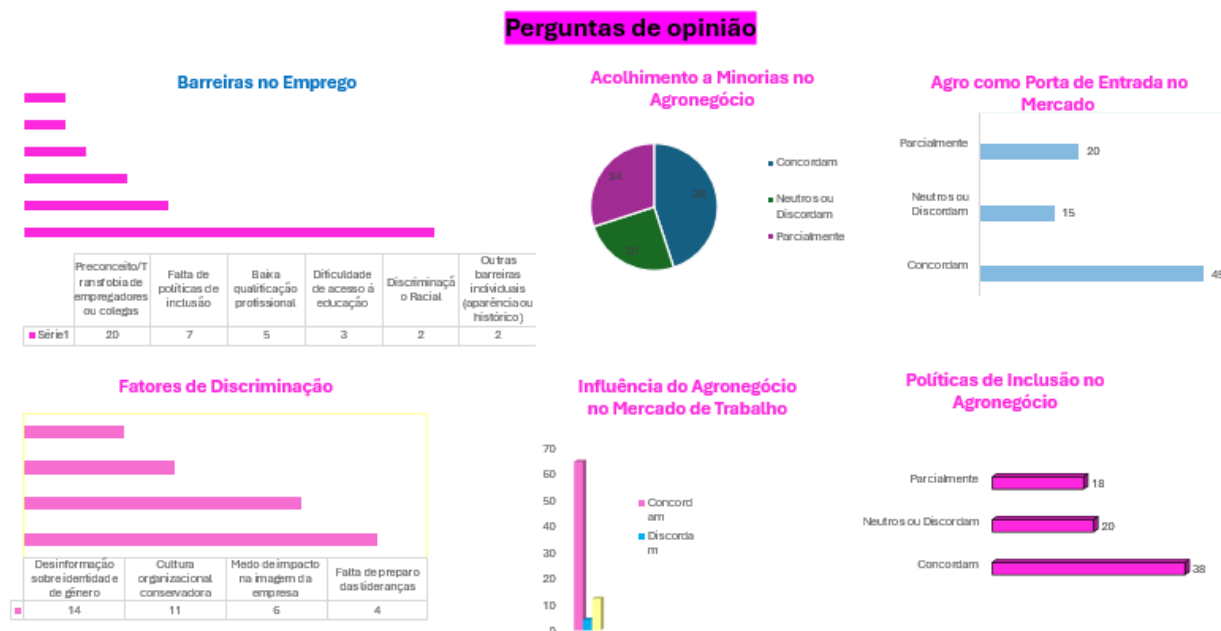


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Em relação a situação de trabalho e seus interesses da área, 69 estão empregados e 18 desempregados. Algumas perguntas elaboradas foram, em barreiras no mercado de trabalho responderam, 20 preconceitos/ transfobia de empregadores ou colegas, 7 pessoas responderam falta de políticas de inclusão; 5 pessoas responderam baixas qualificação profissional. Fatores de discriminação, 14 pessoas responderam desinformação sobre identidade de gênero; cultura organizacional conservadora; 6 pessoas responderam medo do impacto na imagem da empresa; 4 pessoas responderam falta de preparo das lideranças. Influência do agronegócio no mercado de trabalho 64 pessoas responderam concordam; 4 pessoas responderam discordam; 12 pessoas ficaram nos neutros. O agro como porta de entrada no mercado, 45 pessoas responderam concordam; 15 pessoas responderam discordam/neutro; 20 pessoas responderam concordaram ou discordaram parcialmente. Acolhimento a minorias no agronegócio 36 pessoas responderam concordaram; 20 pessoas responderam neutros/discordaram; 24 pessoas responderam concordaram ou discordaram parcialmente. Políticas de inclusão no agronegócio: 38 pessoas

responderam concordaram; 14 pessoas responderam neutros/discordaram; 18 pessoas responderam concordaram ou discordaram parcialmente.

Figura 2: Perguntas de opinião



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

5.2. Análise Detalhada: O Retrato dos Participantes e Suas Percepções sobre o Mercado de Trabalho e o Agronegócio

O questionário permitiu traçar um panorama importante sobre o perfil dos participantes e, mais crucial, como eles enxergam o mercado de trabalho, com um olhar atento à diversidade e inclusão.

A maioria esmagadora dos participantes se identificou como mulheres cisgênero, representando mais da metade das respostas. Em seguida, vieram os homens cis e, em menor número, mas com uma presença vital, pessoas transgênero, incluindo mulheres e homens trans.

Essa participação, mesmo que mais discreta, de pessoas trans sublinha a necessidade de considerarmos uma pluralidade de experiências e vivências nas discussões sobre oportunidades de trabalho.

Em relação à orientação sexual, a maior parte se declarou heterossexual. Contudo, registramos um número significativo de pessoas gays, bissexuais, pansexuais e assexuais, o que reforça que estamos lidando com um grupo notavelmente diverso em suas orientações sexuais.

Quanto à etnia, quase metade dos respondentes se autodeclara branca. A outra metade é composta por pessoas negras, pardas, indígenas ou amarelas. Dado extremamente relevante, especialmente quando consideramos que a desigualdade racial ainda é uma realidade persistente no mundo do trabalho.

A faixa etária predominante é a dos jovens, entre 19 e 29 anos, o que sugere um público em início de carreira ou em busca de inserção no mercado. No que diz respeito à escolaridade, a grande maioria concluiu o ensino médio. No entanto, muitos também possuem ensino superior incompleto ou completo, e uma parcela menor possui pós-graduação ou ensino fundamental.

As áreas de atuação mais citadas foram saúde, agronegócio, administração, comércio e educação. Houve também menções de estudantes, autônomos e profissionais da tecnologia. A maioria dos participantes está empregada atualmente, mas um número expressivo está desempregado, o que também nos mostra uma realidade de transição ou dificuldade de inserção.

Sintetizado, com base nos dados, é possível concluir que os participantes do questionário representam um grupo diverso em termos de gênero, orientação sexual, etnia e trajetória educacional. A predominância de jovens em início de carreira e a presença significativa de pessoas desempregadas apontam para desafios na inserção no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, a participação de pessoas trans e de diferentes etnias evidencia a importância de promover políticas mais inclusivas e igualitárias. O panorama geral reforça a necessidade de um mercado de trabalho mais acessível, diverso e sensível às múltiplas realidades dos trabalhadores.

5.3. As Barreiras e Desafios no Emprego

Ao serem questionados sobre as barreiras no emprego, o principal fator apontado foi o preconceito e a transfobia. Muitos também destacaram a falta de políticas de inclusão nas empresas e a baixa qualificação profissional como obstáculos importantes. Claramente, ainda há um caminho a ser percorrido para garantir ambientes de trabalho mais justos e acolhedores.

Entre os fatores de discriminação, a falta de conhecimento sobre identidade de gênero e a cultura conservadora dentro das empresas foram os mais mencionados. Isso revela que, além das políticas formais, é crucial investir em educação e sensibilização nas organizações para promover uma mudança cultural.

No que tange à desigualdade racial, a maioria dos participantes atribuiu esse problema ao racismo estrutural. E mesmo quando não se tratava de discriminação direta, muitos relataram formas de exclusão velada, como a exigência de uma aparência "adequada" ou de comportamentos específicos que acabam desfavorecendo certos grupos, em particular, pessoas

negras. O recorte de gênero e raça se manifesta de forma muito potente quando o tema são mulheres negras e subempregos. A maioria acredita que elas são excluídas do mercado formal e acabam ocupando funções mais precarizadas devido a uma dupla discriminação: por serem mulheres e por serem negras.

Os dados reforçam que o preconceito, a transfobia, o racismo estrutural e a falta de políticas inclusivas ainda são barreiras significativas no acesso e permanência no mercado de trabalho. A discriminação velada e a cultura conservadora nas empresas agravam esse cenário, afetando especialmente pessoas trans e mulheres negras. Fica evidente a necessidade de ações que vão além de políticas formais, incluindo educação, sensibilização e mudanças estruturais que promovam ambientes mais justos, diversos e acolhedores para todos.

5.4. Percepções sobre o Agronegócio

Por fim, ao analisarmos a percepção sobre o agronegócio, os dados indicam que, apesar de muitos reconhecerem o setor como fundamental para a geração de empregos, existe uma visão crítica sobre sua capacidade de acolher minorias. A maioria dos participantes concorda que falta representatividade, que o acolhimento ainda é limitado e que as políticas de inclusão não são suficientes ou visíveis. Isso aponta para um setor que, apesar do seu potencial econômico, ainda precisa avançar consideravelmente para se tornar mais inclusivo e diverso.

6. ANÁLISE DE RESULTADOS

O trabalho realizou uma análise da influência do agronegócio no mercado de trabalho e a exclusão de pessoas transgêneras no mercado de trabalho, aplicando o procedimento metodológico de abordagem qualitativa, descritiva, exploratória e revisão bibliográfica.

De acordo com Mendes (2020) reforça que o ambiente organizacional precisa passar por mudanças profundas, para que a inclusão não fique apenas no discurso, mas aconteça de forma prática e humanizada no dia a dia das empresas. A população transexual e travesti no Brasil enfrenta uma realidade alarmante de violência e exclusão. De acordo com o Dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2024, 122 pessoas trans foram assassinadas no país, sendo que 96% das vítimas eram travestis e mulheres trans.

Além da violência física, essas pessoas enfrentam exclusão social e dificuldades no acesso a direitos básicos, como saúde, educação e trabalho. A ANTRA destaca a necessidade urgente de políticas públicas que promovam a inclusão e proteção dessa população, visando reduzir as desigualdades e garantir o respeito à diversidade de gênero.

De acordo com o MST⁴ (2024), “Em maio de 2024, ocorreu o primeiro encontro de Travestis e Transexuais do MST, na cidade de Fortaleza, Ceará, fruto de um esforço coletivo do MST, reuniu 70 travestis e transexuais Sem Terra para debater sobre suas vivências e experiências de vida nas áreas da Reforma Agrária ... Travestis e Transexuais Sem Terra convivem com violências fruto de preconceitos ... em uma sociedade machista como a brasileira, a população trans e travesti é alvo fácil de discriminação, violência, transfobia e assassinato também no campo e em nossos territórios.”

Mediante a análise da pesquisa populacional é de interesse público que o agronegócio tem a capacidade de auxiliar a integração dessas pessoas no mercado de trabalho. E que o desemprego de tal grupo é mediante a preconceito e falta de políticas públicas para a integração desse grupo minoritário.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar o mercado de trabalho brasileiro e o desemprego entre pessoas trans, bem como a influência do agronegócio no mercado de trabalho para o bem da inclusão dos indivíduos no mercado de trabalho. Foram aplicados procedimentos metodológicos de abordagem qualitativa, exploratória, descritiva e revisão bibliográfica.

Ao longo do trabalho foi possível ver a importância que o agronegócio tem ao mercado de trabalho brasileiro, sendo um dos principais aliados as taxas de empregabilidade nacional conforme os dados acima. E com isso temos um grupo minoritário que luta diariamente pela sua sobrevivência, tendo que se submeter a vida indigna ao meio de prostituição violência e drogas.

Durante a formação do trabalho, o autor, teve que mudar a direção do trabalho de diversas formas, mas era em sua expectativa entrar em contato com as empresas do ramo do agronegócio em São José do Rio Preto, porém as empresas que entrei em contato nenhuma quis responder as perguntas simples formuladas e direcionadas ao mercado de trabalho e o desemprego dos grupos minoritário, recendo até respostas ríspidas ou simplesmente não sendo respondido, tendo aqui uma indicação as empresas do ramo, a serem mais receptivas com as pessoas, sendo em ou não de um grupo minoritário, mas principalmente quem pertence.

Sintetizando o agronegócio pode-se usar com ponte de desenvolvimento do grupo trans no mercado de trabalho através de políticas publicadas, para a qualificação dos indivíduos e a entrada de tais no campo e no mercado de trabalho nacional, assim abaixando as taxas de

⁴ MST- movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

mortalidade e de desemprego no país e beneficiando o agronegócio com mão de obra qualificada. O trabalho, não teve a intenção de esgotar o assunto, mas de jogar luz na temática abordada. Para trabalhos futuros, sugere-se disponibilidade de tempo para um melhor desenvolvimento da temática.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTRA 2024, dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Disponível em: [dossie-antra-2025.pdf](#). acesso em 16 de junho de 2025.

BENEDETTI, M. R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CEPEA 2025, mercado de trabalho/Cepea: agronegócio emprega 28,2 milhões de pessoas em 2025e representa 26% das ocupações do país. Disponível em: [MERCADO DE TRABALHO/CEPEA: Agronegócio emprega 28,2 milhões de pessoas em 2024 e representa 26% das ocupações do País - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA-Esalq/USP](#). Acesso em 17 de junho de 2025.

DIARIO DA REGIÃO 2024, Região de Rio Preto gera 13,3 mil empregos no primeiro trimestre de 2024. Disponível em: [Região de Rio Preto gera 13,3 mil empregos no primeiro trimestre de 2024 | InvesteSP](#). Acesso em 09 de julho de 2025.

FIBRA RH, 2025. Pessoas trans no mercado de trabalho. Disponível em: [Pessoas Trans no Mercado de Trabalho - Fibra RH](#) acesso em 07 de julho de 2025.

JESUS Jaqueline Gomes de Jesus2012, Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Disponível em: [ORIENTAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO: CONCEITOS E TERMOS](#). Acesso em 24 de junho de 2025.

MACHADO, Fabiana dos Santos. A inserção de pessoas LGBTQIA+ no mercado de trabalho brasileiro. Revista de Políticas Públicas, São Luís, v. 25, n. 2, jul./dez. 2021. Disponível em: https://prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2023P21317A35919O480.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 abr. 2025.

MST 2024, transexualidade, travestilidade e reforma agrária popular. Disponível em: https://mst.org.br/2024/08/19/transexualidade-travestilidade-e-reforma-agraria-popular/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 30 de junho de 2025.

PETKOVIC, R. F. *Cartografia da população LGBTQIAP+ em Comunicação Social (2019–2022): tornando o invisível, visível?* 2024. 115 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2024.

PETKOVIC, R. F. *O universo trans e os jogos olímpicos: visibilidades e invisibilidades nas Olimpíadas Rio-2016*. 2018. 88 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

PORTAL DO AGRONEGOCIO 2025, o papel do Agronegócio na economia brasileira: impacto no PIB, empregos e comércio exterior. Disponível em [O Papel do Agronegócio na Economia Brasileira: Impacto no PIB, Empregos e Comércio Exterior - Portal do Agronegócio](#). Acesso em 17 de junho de 2025.

SOUZA Priscila Pacheco de Souza, 2021, desafios dos trabalhadores trans: discriminação e barreiras no mercado de trabalho brasileiro. Disponível em: <https://www.institutomaayan.org.br/documentos/Desafios-Dos-Trabalhadores-Trans.pdf> acesso em 24 de junho de 2025.